

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

O HOMEM NO POEMA DE PARMÊNIDES

Emmanuel Carneiro Leão
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Homem está aqui pelo humano. Nem tudo no homem é humano. Nem todo homem é somente humano. O humano no homem é o mistério de um cruzamento, do cruzamento de todos os caminhos. Em tudo que é e não é, em tudo que parece ser e não ser, em tudo que faz e/ou deixa de fazer, o humano cumpre, sempre em silêncio, no silêncio da linguagem, um encontro e desencontro já sempre dado de todo homem consigo mesmo e com os outros, tanto com os outros de si mesmo, como com os outros dos outros, como com o não outro. É a travessia da existência, em que se reúnem, num só e mesmo percurso, todos os caminhos. O caminho de ser, o caminho de não ser, o caminho de aparecer, desaparecer e parecer pertencem, constitutivamente, a todo percurso humano dos homens, em qualquer caminho. É o que, aqui e agora, vamos tentar mostrar, refletindo não sobre, mas a partir de alguns versos do Poema, Περὶ Φύσεως, de Parmênides, seguindo a 6a. edição dos Fragmentos dos Pré-socráticos, de Diels-Kranz¹.

Não nos move nenhuma preocupação com questões de crítica textual². Estamos que já não é possível, nem mesmo importa saber hoje o que, realmente, pensou Parmênides, há mais de dois milênios e meio³.

¹ DIELS, H. & KRANZ, W., Die Fragmente der Vorsokratiker. Zürich: Weidmann, 1951 [1996]

² Georg Christoph Lichtenberg, sábio alemão da Universidade de Göttingen, disse, certa vez, que texto é espelho. Macaco, quando olha no espelho, não vê apóstolo, só vê macaco.

³ Não é possível ler um texto de pensamento, como se lê a descrição do mobiliário ou do vestuário de uma época. Para responder ao apelo de pensar, é preciso levar em conta o ainda não pensado, mas legado pelo que já se pensou. Não existe um método de leitura ou uma filosofia que nos proporcione as condições para uma compreensão criadora do pensamento de Parmênides. Nem mesmo a própria filosofia de Parmênides não-lo poderia garantir. E por que não? – Porque o único sentido de uma filosofia é rasgar novos horizontes, é desencadear novos impulsos, é instaurar novo princípio, em que os recursos e caminhos da obra apareçam superados e insuficientes, se mostrem exauridos e ultrapassados pelo novo nascimento. Os pressupostos e as

Primeiro apresentaremos o texto do Poema, a seguir, damos uma versão em português e, por fim, propomos uma interpretação de pensamento. É importante ler o original grego, para sentir o que há de estranho no familiar e de alheio no conhecido de nós mesmos, tanto na consciência, que temos, quanto na língua, que falamos.

Frag. VIII, 1-6

Texto:

Μόνος δ' ἔτι μῦθος ὁδοῖο
λείπεται ὡς ἔστιν· ταύτη δ' ἐπὶ σήματ' ἔασιν
πολλὰ μάλ', ὡς ἀγένητον ἐὼν καὶ ἀνώλεθρόν ἐστιν,
ἔστι γὰρ οὐμελές τε καὶ ἀτρεμές ἢδ' ἀτέλεστον·
οὐδέ ποτε ἦν οὐδ' ἔσται, ἐπεὶ νῦν ἔστιν ὁμοῦ πᾶν,
ἔν, συνεχές

Versão:

Mas (δέ), então (ἔτι) permanece (λείπεται) somente (μόνος) a linguagem (μῦθος) de um percurso (ὁδοῖο), de como (ὡς) se dá ser (ἔστιν); neste (percurso), com efeito (ταύτη δ' ἐπὶ), são (ἔασιν) muitos os discursos (σήματα πολλὰ μάλα), sobre como (ὡς) ser (ἐὼν) é (ἔστιν) sem nascer (ἀγένητον) e sem perecer (ἀνώλεθρόν), pois (γὰρ) se dá (ἔστι) tanto (τε) todo inteiro (οὐμελές), quanto (καὶ) intrépido (ἀτρεμές) e ainda (ἢδὲ) sem nenhuma possibilidade de aperfeiçoamento (ἀτέλεστον); nem foi (ἦν) outrora (οὐδέ ποτε), nem será (οὐδ' ἔσται) noutra hora, pois (ἐπεὶ) no agora de qualquer hora (νῦν), se dá (ἔστιν) todo junto (ὁμοῦ πᾶν), todo unido (ἔν), todo contido (συνεχές).

condições históricas de uma filosofia não bastam para uma leitura filosófica! E por que não? – Porque uma obra de pensamento institui outros parâmetros de questionamento, cria outras regras de leitura. Ora, toda explicação recorre ao já existente, remete para o já sabido. Por isso, fica excluído de qualquer explicação tudo que for libertador e criativo, tudo que inaugurar um princípio. Só se dá pensamento quando se criam condições de conquista da e para a libertação. Neste sentido é que a liberdade é a essência da verdade. Uma anotação do Diário de Wittgenstein nos recorda ao pensamento: “filósofo não é cidadão de nenhuma comunidade de idéias. É este não ser que faz o filósofo ser filósofo, um demolidor de idéias”.

Interpretação:

Como uma versão, toda interpretação ou leitura de um texto filosófico inclui sempre reflexão. O pensamento se dobra (*flectere*) sobre (*re-*) e se desdobra nos envios e nas recomendações que os adventos de ser e não ser nos abrem, explodindo no que é e está sendo, no que nem é, nem está sendo, no que é e está vindo a ser e no que é está apenas parecendo ser. Tal é o legado das questões que, como pensador originário, Parmênides nos confia ao pensamento. Em rigor de pensamento, seu Poema Filosófico está à altura da Sentença de Anaximandro e dos Fragmentos de Heráclito.

Os versos do Poema são, decerto, palavras da língua grega, mas não são apenas palavras de uma língua, remetendo-nos para referentes na e da experiência humana. O que são, então? São colossos da linguagem de tudo que é primordial, de tudo que inaugura um princípio. O verbo ser é o verbo mais banal e indispensável no percurso de todo relacionamento. É um vigor tão vigente, na presença e na ausência de qualquer coisa, que, nem sempre, há necessidade de explicitar-se, isto é, de aparecer morfologicamente em algumas de suas formas e, em muitas línguas, nem mesmo dispõe de morfemas, formas e expressões próprias⁴.

Os versos do Poema são ἀρχαί, potências criadoras, forças originárias que, num mesmo instante, fazem nascer e morrer, por desencadear princípios de eclosão e oclusão, isto é, de mudanças e transformações de mundo e de história. Os percursos da linguagem nas línguas são discursos de ser, que guardam, no silêncio das falas, as surpresas de um advento do mistério nas conjunturas das épocas. Τὰ σήματα, portanto, não remetem para sinais, signos ou símbolos. Τὰ σήματα, remetem do e para o inesperado e surpreendente de toda chegada de aparecimento e desaparecimento de um sendo e de um não sendo. Por isso, todo alfa privativo é copulativo, todo οὐδέ e μηδέ, todo οὐ e μή só se retiram em negações, para e ao dar o presente de um mistério, em toda presença e em qualquer ausência, presente este, com que a φύσις nos presenteia. Para ser, não há parâmetro, não se dá medida, nem se impõe paradigma ou diapasão. Ser é o doador universal de todas as escalas, é o instaurador “transcendental” das sondas. Qualquer modelo, amostra ou receita já traz consigo um feito

⁴ Caso curioso é o do hebraico bíblico. Como é sabido, não há presente do verbo ser-estar, todavia grafemas do futuro – yeh – do vigente – ho – e do pretérito – yah – formam o tetragrama do nome de Deus, YHWH – yhaveh. No Êxodo, III, 14, Deus responde à pergunta de Moisés, dizendo: “yehiye asher yehiyeh = “serei quem, o que, como serei”.

misterioso de ser. É pelo desconhecido de ser que lhes pertencem tanto aparecer quanto parecer, tanto vir a ser quanto não ser, todos, modos de necessidade e contingência, todos, feições de possibilidade e impossibilidade, todos, formas de afirmação e negação, todos, cursos de posição, oposição e composição. No percurso inaugural dos primórdios, ἐπὶ τῇ ὁδῷ, os discursos da linguagem, τὰ σήματα τοῦ μύθου, como diz Parmênides, guardam e resguardam em si o encontro e o desencontro dos caminhos nos vãos de um silêncio que estância e distância todos os horizontes, que unifica e multiplica as peripécias da história e do mundo, que diferencia e identifica os percalços da existência, que esvazia e acolhe as vicissitudes de um destino sempre em aberto para o hiato de qualquer caminhada.

É a encruzilhada de toda grandeza. Nunca será demais repetir com Platão na República 497d 9:

Τὰ δὲ μεγάλα πάντα ἐπισφαλῆ

Tudo que é grande se precipita, história abaixo, numa avalanche de transformações.

O grande não nasce pequeno e vai crescendo aos poucos até, perdendo cadência, virar o fio e decair, desaparecendo na decadência. Este é o modo de ser do pequeno, cujo elã se empenha em reduzir tudo à extensão e à quantidade. É como se toda extensão fosse somente extensão e nada mais que extensão, e toda quantidade fosse apenas quantidade e nada mais que quantidade, como se tudo não passasse de extensão e quantidade. O grande não perde nunca cadência e por isso não conhece decadência. Somente nós, os pequenos, achamos que o grande tem de ser eterno e durar para sempre. Na verdade, porém, o grande nasce grande, cresce grande e, ao chegar ao fim, finda grande. Foi o que aconteceu com o pensamento grego, princípio e fim de toda grandeza na história do Ocidente: começou grande nos primórdios de sua vida com os poetas arcaicos, com os pensadores originários – Parmênides um dos maiores entre eles –, com os políticos inaugurais, com os criadores da técnica e da ciência e terminou grande com a arte e a filosofia, com a democracia e o teatro, com a sofística e a cidadania na ordem da πόλις, na πολιτεία.

Que o homem seja sempre o percurso de encontro e desencontro dos caminhos, o caminho de ser, o caminho de não ser e o caminho de parecer, nos revelam. em silêncio, versos do Poema nos fragmentos II, 1-8 e VI, 1-9.

Frag. II, 1-8

Texto:

εἰ δ' ἄγ' ἐγὼν ἐρέω, κόμισαι δὲ σὺ μῦθον ἀκούσας
αἴπερ ὁδοὶ μοῦναι διζήσιος εἴσι νοῆσαι·
ἢ μὲν ὅπως ἔστιν τε καὶ ὡς οὐκ ἔστιν μὴ εἶναι,
Πειθοῦς ἐστι κέλευθος ('Αληθείη γὰρ ὀπηδεῖ),
ἢ δ' ὡς οὐκ ἔστιν τε καὶ ὡς χρεῶν ἐστι μὴ εἶναι,
τὴν δὴ τοι φράζω παναπευθέα ἔμμεν ἄταρπον·
οὔτε γὰρ ἄν γνοίης τὸ γε μὴ ἔόν (οὐ γὰρ ἀνυστόν)
οὔτε φράσαιοις·

Versão:

eis pois, que, (εἰ δ' ἄγῃ) eu vou dizer (ἐγὼν ἐρέω), tendo tu escutado (ἀκούσας) a linguagem (μῦθον), cuida, porém (tu) (κόμισαι δὲ σὺ), quais caminhos (αἴπερ ὁδοὶ) de investigação (διζήσιος) somente (μοῦναι) são (εἴσι) para pensar (νοῆσαι): um (ἢ μὲν) é como (ὅπως) se dá (ἔστιν) ser e também (τε καὶ) como (ὡς) não se dá (οὐκ ἔστιν) não ser (μὴ εἶναι); é pista (ἐστι κέλευθος) de confiança (Πειθοῦς), pois (γὰρ) acompanha (ὀπηδεῖ) o desvelamento da verdade ('Αληθείη); o outro (ἢ δέ) é como (ὡς) não se dá (οὐκ ἔστιν) e também (τε καὶ) quão necessário (ὡς χρεῶν) é (ἐστι) se dar não ser (μὴ εἶναι), esta, com efeito te (τὴν δὴ τοι) proclamo (φράζω) ser (ἔμμεν) uma vereda (ἄταρπον) toda inacessível (παναπευθέα); pois nem (οὔτε γὰρ) podes conhecer (ἄν γνοίης) o não ser (τό γε μὴ ἔόν), de vez que inacessível (οὐ γὰρ ἀνυστόν), nem dizer em palavras (οὔτε φράσαιοις).

Interpretação:

Parmênides começa apontando para um percurso só, o percurso de todos os caminhos: em todo caminho se corre sempre de ser e não ser para ser e não ser. É curso inevitável que não é possível nem contornar nem desviar. Vem e leva para o desencobrimento da verdade. Não se trata, porém, originaria e diretamente, da verdade de conhecer, de julgar ou fazer,

própria da técnica e da ciência. E sim, mais radicalmente, da verdade de ser e não ser. Sem ela já não é possível caminhar. O que quer que o homem possa realizar, seja fazendo, agindo ou deixando pra lá, seja dizendo, desdizendo ou contradizendo, seja pensando, representando ou sentindo, tudo isto só lhe é possível sendo, só se lhe dá junto com ser, só lhe acontece por e para ser. É o percurso primacial de todo caminho.

Neste percurso, porém, se dá sempre também um outro e mesmo caminho: o caminho de e para não ser. Assim, em Parmênides o caminho de ser para ser é o caminho de não ser para não ser. Trata-se de caminho que não pode, mas também não carece seguir. Desde sempre já se está e nunca se deixa de estar não sendo. É curso incontornável, porque impossível de ser percorrido, mas justamente por isso importa saber e ser o sabor desta sua impossibilidade, curso, que, vindo do nada, não leva a nada. Para Heidegger, esta passagem do Poema é o registro mais antigo da impossibilidade de se pensar o caminho de ser, sem se pensar junto o caminho de nada e de não ser. Pertence assim à tal impossibilidade abissal a necessidade de não se reduzir não ser a uma coisa, em outras palavras, pertence ao abismo desta impossibilidade a necessidade de não se pensar o nada apenas pela negação e como negação de todas as coisas, de tudo que é e está sendo. Mas, então, o que isto nos quer dizer e fazer pensar?

Numa estória imemorial, e imemorial porque vigente no ser e não ser de todas as épocas, saber é que sabe tudo e não saber é que não sabe nada. De certa feita, não saber foi visitar saber com a pergunta de uma provocação: o que é nada? – Saber, que sabe tudo, não pode não saber o que é nada! E de fato saber respondeu de pronto: ora, nada é o que há de mais óbvio e evidente: nada é não ser. Mas não saber não ficou satisfeito com a resposta de saber. Por isso contestou: mas, neste caso, para nada ser mesmo nada, precisaria ser e, sendo, já não seria nada, seria ser. Saber, portanto, não é saber, é não saber. Pois com todo saber não sabe o que é nada. – Saber ficou invocado. Será mesmo que não saber o pegou pelo pé, pelo que saber tem de próprio, o saber? Ocorreu logo a saber o paradoxo do mentiroso, “*mentiens mentitur mentior*”, quem está mentindo, mente quando diz que está mentindo, a doutrina das suposições de Guilherme Ockham, a teoria dos tipos de Bertrand Russel e a lógica das funções da língua. Mas tudo isto se lhe afigurava mais vaidade do que validade. Pois não lhe valia para saber o que é o nada. Saber saiu, então, perguntando por toda parte: é ou não é?; enquanto não saber repetia apenas: é e não é! Saber aguçou os ouvidos, nenhum ruído. Abriu a boca, nenhum sabor. Fechou os olhos, nenhuma luz. Já ia desistir, quando, de repente, foi tomado por uma força: e não, é isso! Claro que é isso mesmo! Mas é o máximo! Foi procurar

não saber com a resposta: não posso saber o que é o nada, mas posso saber que não sei! Assim saber ainda não está vencido por não saber. O maior poder, pois, não é o não saber de saber, mas o saber de não saber! – Não saber comentou apenas: com tanto poder, saber só não pode não saber que não sabe o que é o nada!

Esta estória sem tempo nos traz aqui apenas duas observações: a primeira é que não ser não é mera negação ou ausência de coisas, e nada não é simples negação ou ausência de tudo. A segunda observação é que, aqui no Poema de Parmênides, no percurso dos caminhos de ser, não ser, aparecer e parecer, pensar não consiste em representar conteúdos, nem em jogar ou combinar unidades de substituição, seja por metáfora ou metonímia, seja por qualquer mecanismo que for. Pensar aqui é *noein*, dar-se conta da experiência já sempre feita de que não ser é condição de possibilidade, é requisito de possibilitação para ser. É uma experiência em que, ininterruptamente, nos descobrimos imersos e comprometidos, a cada passo de nossa passagem pela vida. É o acorde com que Lao-Tzu nos faz ressoar o coração numa famosa passagem de seu Tao-Te-King:

“Sustentados pelo aro, trinta raios rodeiam um eixo,
mas é onde os raios não raíam que roda a roda.
Vasa-se a vasa e se faz o vaso,
mas é o vazio que perfaz a vasilha,
levantam-se paredes e se encaixam portas,
mas é onde não há nada que se está em casa.
Falam-se palavras e se apalavram falas,
mas é no silêncio que mora a linguagem.
O ser presta serviços,
mas é o não ser que dá sentido.”

Trabalhado pelo encontro já sempre dado entre o caminho de ser e o caminho de não ser, o homem descobre-se bruxoleando num lusco-fusco, sem a claridade do meio dia, mas também sem a escuridão da meia noite. Por isso, o grego encontrou, na coruja, o animal-totem da existência humana que, somente ao pôr do sol, se alça para voar, percorrendo as sombras das aparências no perfil das coisas. Pois é no caminho da aparência que se tocam, se limitam, mas também se visitam o caminho de ser e o caminho de não ser. Este terceiro caminho é o mais freqüentado no curso dos homens pelo silêncio da linguagem. Ao aparecer, o terceiro caminho parece com o primeiro, mas não vem nem leva somente para ser, leva e provém de não ser e por isso mesmo hesita no cintilar intermitente de ser e não ser. Parmênides nô-lo apresenta no Fragmento VI, repetindo a presença de ser e não ser no aparecer.

Frag. VI, 1-9

Texto:

χρή τὸ λέγειν τε νοεῖν τ' ἐόν ἔμμεναι· ἔστι γὰρ εἶναι,
μηδὲν δ' οὐκ ἔστιν· τὰ σ' ἐγὼ φράζεσθαι ἄνωγα.
πρώτης γὰρ σ' ἀφ' ὁδοῦ ταύτης διζήσιος <εἵργω>,
αὐτὰρ ἔπειτ' ἀπὸ τῆς, ἦν δὴ βροτοὶ εἰδότες οὐδὲν
πλάττονται, δίκρανοι· ἀμηχανίη γὰρ ἐν αὐτῶν
στήθεσιν ἰθύνει πλακτὸν νόον· οἱ δὲ φοροῦνται
κωφοὶ ὁμῶς τυφλοὶ τε, τεθηπότες, ἄκριτα φύλα,
οἷς τὸ πέλειν τε καὶ οὐκ εἶναι ταῦτὸν νενόμισται
οὐκ ταῦτὸν, πάντων δὲ παλίντροπὸς ἔστι κέλευθος.

Versão:

urge (χρή), tanto (τε) dizer (τὸ λέγειν), quanto (τε) pensar (νοεῖν) o sendo (τ' ἐόν) ser (ἔμμεναι); pois (γὰρ) ser (εἶναι) se dá (ἔστι), nada (μηδὲν), porém (δέ) não se dá (οὐκ ἔστιν); é o que (τὰ) eu (ἐγὼ) te (σε) mando (ἄνωγα) pronunciar para ti (φράζεσθαι), pois deste primeiro caminho (πρώτης γὰρ ἀφ' ὁδοῦ ταύτης) de pesquisa (διζήσιος) te (σε) afasto (εἵργω)⁵, mas ainda também (αὐτὰρ ἔπειτα) deste (ἀπὸ τῆς) que, então (ἦν δὴ), mortais (βροτοὶ), que nada sabem (εἰδότες οὐδὲν), cursam (πλάττονται por πλάζονται), bicéfalos (δίκρανοι). Pois (γὰρ) um desamparo (ἀμηχανίη) no peito (ἐν στήθεσιν) lhes (αὐτῶν) guia (ἰθύνει) o senso hesitante, paralisados, porém (δε), se arrastam (φοροῦνται) broncos e cegos, bando de indecisos (ἄκριτα φύλα) para os quais (οἷς) o ser (τὸ πέλειν) e também (τε καὶ) o não ser (οὐκ εἶναι) valem (νενόμισται) o

⁵ Nos manuscritos, falta o verbo na terceira frase de Frag. VI, 3. Diels sugere suprir a falta com o verbo εἵργω = afasto, apartado, separo. Mas não se trata de sugestão irresponsável. Pois no Frag. VII, 2, ocorre no manuscrito um verso de oito palavras, das quais cinco são as mesmas do Frag. VI, 3. Além disso, são palavras regidas pelo verbo εἵργω, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo ativo e se acham concertadas também pela preposição ἀπό. Tanto a repetição das cinco palavras, quanto o emprego da preposição, ἀπό, com a regência do genitivo indicam, com bastante probabilidade, o sentido que deveria ter o verbo em falta no Frag. VI, 3. São estes dados que levaram Diels a propor o verbo εἵργω. Assim a sugestão marcada com o sinal < > não é discricionária, nem arbitrária.

mesmo (ταὐτὸν) e não valem o mesmo (οὐκ ταὐτὸν), mas assim porém (δέ) a pista (κέλευθος) de todas as coisas (πάντων) é (ἔστι) ida e volta (παλίνοτροπός).

Interpretação:

O caminho evocado agora é o das aparências. Em seu curso, as coisas, as pessoas, as situações, tudo, que é e está sendo, tudo que não é, nem está sendo, aparece ora de uma maneira, ora de outra, sem estabilidade de conexão, nem firmeza de coesão. É o reino dos pontos de vista e dos pareceres. Os mortais pulam de uma posição para outra, mudando sem cessar de um parecer para outro e se orgulham ainda de não ter idéias fixas. Misturam ser com parecer ser. É o caminho mais freqüentado. A freqüência conduz à perdição. A compulsão leva todos a perder-se e afundar-se em repetições. Por isso Parmênides insiste: urge, pois, conhecer e saber deste caminho de inconstância tal, como ele é em si mesmo, a fim de se poder dar chance a ser nas e entre as aparências. É no aparecer das aparências que se desvelam ser e não ser. Tal, o apelo a que nos remete já o primeiro Fragmento do Poema, propondo o percurso de todos os caminhos, em toda e qualquer realização do humano no homem.

Frag. I, 28-32.

Texto:

.....χρεὼ δέ σε πάντα πυθέσθαι
 ἡμὲν Ἀληθείης εὐκυκλέος ἀτρεμέσ ἦτορ
 ἢ δὲ βροτῶν δόξας, ταῖς οὐκ ἔνι πίστις ἀληθείης.
 ἀλλ' ἔμπης καὶ ταῦτα μαθήσεαι, ὡς τὰ δοκοῦντα
 χρῆν δοκίμως εἶναι διὰ παντὸς πάντα περῶντα.

Versão:

Urge, porém (χρεὼ δε) que saibas (σε πυθέσθαι) tudo (πάντα), tanto (ἡμὲν) o coração (ἦτορ) intrépido (ἀτρεμέσ) que descobre a verdade (Ἀληθείης) de circularidade perfeita

(εὐκυκλέος), quanto (ἡδὲ) os pareceres (δόξας) dos mortais (βροτῶν)⁶, a que (ταῖς) não (οὐκ) pertence (ἔνι) confiança (πίστις) no desvelamento da verdade (ἀληθείας). Mas (ἀλλά) apesar de tudo (ἔμπης), há de aprender (μαθήσεαι) também (καί) o seguinte (ταῦτα), que e como (ὥς) as aparências (τὰ δοκοῦντα) têm urgência (χρῆν) de penetrar (περῶντα), em sua própria condição de aparência (δοκίμως), em todas as coisas (πάντα) através de tudo (διὰ παντὸς).

Interpretação:

Em todo caminho, o percurso do humano na vida faz sempre a experiência decisiva de que as aparências integram irresistivelmente ser e não ser homem dos homens. O aparecimento das aparências pertence e não pertence a ser e não ser de qualquer sendo. Encruzilhada de todos os caminhos, o homem caminha sempre no silêncio da linguagem, que cala mesmo quando uma língua fala, e fala mesmo quando uma língua cala. Porque morreremos um dia, morremos todo dia a cada instante da vida. Porque nascemos um dia, nascemos a cada momento de todo dia. Assim o homem morre quando vive, e vive quando morre, sempre recolhido à e pela mortalidade de sua condição de ser o mais finito de todos os seres, por ser e não ser, por aparecer e parecer o único ser que vive, experimentando, na própria finitude, a infinitude. De Sto Agostinho Sto. Tomás herdou esta percepção do modo humano de ser e a formulou numa frase famosa: *nihil adeo est finitum quod nihil infinitum in se habeat*⁷: nada pode ser tão finito que não contenha em si algo de infinito. É a interpretação medieval da não menos famosa passagem do *De Anima*: ἡ ψυχὴ πῶς πάντα ἔστιν: o humano no e do homem é ser e não ser, de algum modo, todos os seres.

Um homem verdadeiramente homem, i.e, que descubra sua humanidade em ser e não ser nos aparecimentos da aparência e não aparência, não é quem corre atrás, bronco e

⁶ Não se pode supor, simplesmente, que Parmênides não conheça “parecer” e “aparência”, uma vez que o texto do Frag. I, 28 fala de δόξας βροτῶν, “opiniões de mortais”. Fala, outrossim, de τὰ δοκοῦντα, “as coisas que aparecem e parecem”, fala ainda de δοκίμως, “o modo de parecer e aparência”. Ora, toda opinião é um parecer que tem de aparecer para poder parecer. É que em δόξα e δοκέω, como em δέκομαι e δεῖκνυμι, em δίκη e δικασπóλος, está jogando, ou melhor, está jogando o radical indoeuropeu, *deik – dek – dik*, nos muitos sentidos de mostrar, dizer, deixar aparecer e parecer, tanto em palavras, quanto em obras.

E quanto a βροτῶν, Parmênides, certamente, não tinha bebido a-mbrosiana, a bebida da imortalidade, e se tornado imortal. Ele se considerava e sentia mortal em tudo, de vez que, para falar de mortais e seus desempenhos, devia sentir-se também como mortal.

⁷ Sto. Agostinho, *De vera religione*, PL, XXX, IX.

cego, no dizer de Parmênides, de uma única verdade, mas quem percorre os três caminhos, o caminho de ser, o caminho de não ser e o caminho de parecer num só percurso, é todo aquele que é presenteado com um saber real, pois todo saber ou é realização ou não é saber, aquele, pois, que não foge das tempestades de ser, que não recusa o desespero de não ser e que não despreza a contingência de parecer em todas as situações da existência.

Um homem verdadeiramente humano, i.e, que descobre sua humanidade em ser e não ser nos aparecimentos da aparência e não aparência, não é quem corre atrás, bronco e cego, no dizer de Parmênides, de uma única verdade, mas quem percorre os caminhos, de ser e não ser, de parecer, aparecer e desaparecer em toda caminhada; é quem sente o sabor da realidade presenteada em todo real; é quem não tenta fugir às e das tempestades de ser; é quem não busca evitar as calmarias de não ser; é quem não despreza os nevoeiros de parecer e as brumas de aparecer e desaparecer, em toda situação da vida.

Em silêncio, no silêncio da linguagem, a encruzilhada dos todos os caminhos joga sempre o humano numa travessia, na travessia da “terceira margem do rio” onde cada um de nós se sente em si um “pilar na ponte de tédio”, segundo a provocação ontológica que nos deixou Mário de Sá Carneiro:

“Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio,
Pilar da ponte de tédio,
que vai de mim para o outro”!